Variedades

Jornal A Plateia,
Sant'Ana do Livramento,
26 e 27 de abril de 2025

Dia do Trabalhador

Dorival, o Pipoqueiro de Gerações

Uma Vida de Trabalho e Orgulho aos 80 Anos

Entre mil histórias e mil milhos, seu Dorival vende muitas memórias boas

No coração de Sant'Ana do Livramento, algumas presenças permanecem firmes como pilares de memória e afeto. Uma dessas figuras é Dorival Quevedo Soares, de 80 anos, conhecido por gerações de estudantes como "o pipoqueiro da frente do colégio". Mais do que um vendedor, Dorival é um contador de histórias, a sua própria história é marcada por luta, humildade, trabalho e amor à vida.

Nascido em 9 de agosto de 1944, Dorival enfrentou a dureza da vida desde cedo. "Comecei minha vida pobre, sem estudo. Trabalhei como leiteiro, vendi jornal, fui ajudante em olaria e pedreira. Passei muito sacrifício. A vida foi uma escola pra mim", conta, com a sabedoria de quem aprendeu mais com a vida do que com qualquer sala de aula.

Natural de Madureira, de família humilde, ele precisou se reinventar inúmeras vezes. "Minha mãe dizia que eu era inteligente, mas a gente não tinha condição. Eu nem estudei. Mas sempre sonhei em ser adulto e mudar a minha história."

Um pouco da grande família de Dorival

A virada veio por acaso. Aos 22 anos, ao passar por um vendedor de pipoca, perguntou onde poderia comprar um carrinho. Foi assim que nasceu o ofício que o acompanha até hoje. "Na primeira vez que saí com o carrinho, virei ele e queimei tudo. Fiquei com vergonha, mas não desisti."

Desde então, seu carrinho de pipocas, carrapinhadas, maçãs caramelizadas e pipocas com mel e açúcar virou ponto fixo na frente dos colégios General Neto e Santa Teresa de Jesus, onde conquistou uma clientela fiel. "Vi crianças crescerem, virarem pais e até avós. Hoje, me emociono vendo os netos deles vindo comprar pipoca comigo. Isso é gratificante demais."

Dorival se emociona ao falar dos filhos, que trilharam bons caminhos graças aos valores que ele ensinou. "Tenho orgulho da minha história e dos meus filhos. Ensinei eles a trabalhar desde pequenos." Ele conta emocionado.

Teve um episódio marcante em frente ao colégio Santa Teresa, que ele nunca esquece: "Logo quando iniciei a minha jornada, eu fiquei tão feliz com a fila de crianças que me atrapalhei e acabei soltando o carrinho de pipoca. Mas foi uma alegria enorme."

Para Dorival, o Dia do Trabalhador tem um significado profundo. "É essencial para valorizar todos os trabalhadores, de qualquer área. Todo trabalho é digno."

Hoje, aos 80 anos, pai de 13 filhos, netos e até tataranetos, Dorival não pensa em parar. Com seu avental, sua simpatia e a pipoca sempre quentinha, ele continua a ser um exemplo vivo de que o trabalho é mais do que sustento: é uma forma de deixar marca no mundo e no coração das pessoas.

Nossa capa

O trabalho constrói histórias, conecta pessoas e move o mundo. Neste caderno especial, celebramos o Dia do Trabalhador com relatos reais de quem transforma a rotina com coragem, dedicação e humanidade. São trajetórias de superação, de amor pelo que se faz e de luta por um futuro melhor. Que este caderno inspire respeito, empatia e valorização a todos que fazem o Brasil acontecer: seus trabalhadores. Para ilustrar a nossa capa, o pipoqueiro Dorival Quevedo Soares. Foto: Lorenzo Ilarraz

EDITORIA E REPORTAGEM

Laura Leite

@lauraamelloo

(55) 99911-8861

Rua Brigadeiro Canabarro, nº 421
(55) 3242-1067
@cstjliv
Colégio Santa Teresa de Jesus - Livramento

Dedicação e dignidade no trabalho que constrói a escola todos os dias

Conheça a história de Adriana Torres Freitas Larruscain

Secretária escolar há 24 anos no Colégio Santa Teresa de Jesus, sua trajetória de afeto, dedicação e orgulho fazem parte da vida de gerações de alunos.

A relação de Adriana Larruscain com o Colégio Santa Teresa de Jesus vai muito além das funções administrativas que exerce com tanto carinho há 24 anos. Sua história com a escola começou ainda em 1984, quando chegou como aluna do curso de Magistério. Desde então, ela foi mãe de alunas, viu netos de ex-alunos ingressarem, e se tornou uma figura essencial na engrenagem da instituição. "Eu me sinto muito orgulhosa disso, porque hoje é muito raro as pessoas ficarem tanto tempo numa mesma função. E eu aprendo muito aqui, todos os dias", conta Adriana.

Aos 57 anos, ela se emociona ao lembrar de ex-alunos que retornam à escola com seus filhos e compartilham lembranças da época em que ela os atendia ainda adolescentes. "Eles chegam de barba, cabelo diferente, e dizem: 'Adriana, lembra de mim?' É muito legal, isso é vida", afirma.

Para Adriana, a secretaria é o coração da escola. É por ali que passam informações, histórias e o primeiro contato com as famílias. "O primeiro lugar que as pessoas conhecem quando chegam na escola é a secretaria. Então, a forma como são recebidos aqui diz muito sobre a instituição", explica. Com mais de 700 alunos atualmente, a rotina é intensa: atendimento às famílias, gestão de documentos, comunicação via WhatsApp com os pais e suporte a professores, direção e coordenação. "A gente está sempre resolvendo algo. Todo dia é diferente."

Adriana Larruscain

Sua relação com o trabalho é marcada por persistência e amor. Dos três empregos que teve na vida, todos foram em funções administrativas. No Santa Teresa, encontrou o equilíbrio entre a carreira e a vida familiar. "Eu nunca pensei em fazer outra coisa depois que conheci o trabalho de secretaria escolar, me apaixonei."

O valor do trabalho foi uma herança familiar. Filha de mãe que trabalhou por 48 anos nas antigas Casas Pernambucanas, e de pai que sempre teve longas trajetórias em cada emprego, Adriana cresceu aprendendo a respeitar e valorizar o ofício. "Na minha casa, o Dia do Trabalhador sempre foi especial. Era feriado com churrasco garantido", relembra com carinho.

Para ela, o 1º de maio é mais que uma data: é um símbolo de conquista. "Hoje, vejo muitos jovens que não têm essa persistência. Para mim, ter um trabalho é algo que dá sentido à vida. É motivo de orgulho ver ex-alunos, como você, Laura, que vi crescer na escola e agora és uma repórter."

Neste Dia do Trabalhador, a história de Adriana Larruscain é uma homenagem a todos os profissionais que, com dedicação e paixão, fazem a diferença no cotidiano de tantas vidas — muitas vezes, sem sair do mesmo lugar, mas mudando o mundo ao seu redor.

A trajetória de Milton Antunes

No dia 6 de janeiro de 2006, Milton Antunes chegou ao Colégio Santa Teresa de Jesus para trabalhar em um serviço temporário. Com o contrato de dois meses em mãos, ele iniciou as reformas de verão, ajudando com pintura e manutenção antes do início das aulas. O que ele não imaginava é que aquela porta, aberta por indicação de colegas e acolhida com carinho pela instituição, mudaria sua vida.

"Lembro até hoje do dia em que a irmã Neddy me chamou e disse que eu ia continuar. Me deu o papel pra abrir a conta no banco. Aquele dia foi sagrado pra mim", conta emocionado. Desde então, já se passaram 19 anos, tempo em que Milton passou a fazer parte do cotidiano da escola, construindo com suas mãos e sua presença uma relação profunda com o lugar, os colegas e os alunos.

A rotina de Milton é marcada por atividades essenciais que, muitas vezes, passam despercebidas, mas são indispensáveis: corte de grama, limpeza dos pátios, cuidados com a fachada e apoio em reformas durante o recesso escolar. "Cada um aqui tem sua função. Tem quem cuide da parte elétrica, da hidráulica, mas a gente é parceiro. Trabalha junto, ajuda. Quando chega a época da reforma, a gente se junta e faz tudo", relata.

Para ele, o trabalho é mais que uma ocupação: é uma forma de vida. "O trabalho pra mim é sagrado. Ele traz dignidade, autoestima e respeito. Sou muito grato a Deus, à vida, à saúde e ao Santa Teresa, que me acolheu e me acolhe até hoje. É o trabalho que sustenta a família, que dá sentido à vida."

A presença de Milton vai além da função que exerce. É comum que ele seja reconhecido nas ruas, no supermercado, por ex-alunos que lembram dele e do cuidado com o espaço da escola. "Tem gente que me encontra e diz: 'Ah, estudei lá no Santa Teresa!'. Às vezes não lembra do nome, mas lembra de mim. É muita gente, é uma história maravilhosa."

A escola, segundo Milton, é um ambiente de respeito e acolhimento. "Nunca tive problema com ninguém, me dou com todo mundo. A direção sempre foi atenciosa. É um lugar tranquilo de trabalhar. E eu gosto muito disso aqui."

Neste Dia do Trabalhador, a trajetória de Milton Antunes é um lembrete de que todos os trabalhos, por mais simples ou silenciosos que pareçam, têm seu valor. São eles que sustentam estruturas, fazem florescer vínculos e mantêm vivas as engrenagens que formam uma comunidade. Milton é uma dessas engrenagens — discreta, essencial e cheia de dignidade.

Milton Antunes

Expediente
Projeto Gráfico: Hanelle Abot/ Samuel Palmeira | Gerente Comercial: Márcia do Amaral Paiva | Diagramação: Samuel Palmeira
Revisão Ortográfica: Jurema Luz | Artes Publicitárias: Samuel Palmeira

Dia do Trabalhador

Entenda a origem e a importância da data

O Dia do Trabalhador, comemorado em 1º de maio, é uma data simbólica que celebra todas as profissões e o papel essencial do trabalho na sociedade. Desde a Revolução Industrial, o mundo do trabalho passou por muitas mudanças — novas tecnologias surgiram, profissões se transformaram e outras tantas foram criadas. Mas uma coisa permaneceu constante: o valor do ser humano por trás de cada função.

Por isso, reconhecer e valorizar os trabalhadores é um compromisso que deve ser assumido por empresas, instituições e a sociedade como um todo.

Por que o Dia do Trabalhador é em 1º de maio?

A escolha do 1º de maio como o Dia do Trabalhador tem origem em uma grande mobilização nos Estados Unidos. Em 1886, milhares de trabalhadores saíram às ruas de cidades como Chicago, Nova Iorque e Detroit para reivindicar uma jornada de trabalho mais justa: queriam reduzir a carga horária diária, que podia ultrapassar 100 horas semanais!

A luta teve efeito: com o tempo, a jornada foi reduzida para 8 horas por dia — padrão que se mantém em muitos países até hoje.

Em 1890, a Europa reconheceu oficialmente o 1º de maio como o Dia do Trabalhador, o que incentivou a adoção da data em várias partes do mundo. Curiosamente, nos Estados Unidos, a homenagem aos trabalhadores é feita em outra data: na primeira segunda-feira de setembro.

Como tudo começou?

O lema da mobilização de 1886 era claro: "Oito horas de trabalho, oito de lazer e oito de descanso". A greve geral daquele

Foto ilustrativa do momento histórico do surgimento da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)

1º de maio foi marcada por tensões, especialmente em Chicago. Lá, a repressão policial foi intensa, culminando em um confronto na Praça Haymarket no dia 4 de maio, quando manifestantes e policiais se enfrentaram violentamente. O saldo foi trágico: vários mortos e mais de uma centena de feridos.

Esses acontecimentos se tornaram um marco da luta por direitos trabalhistas, e em 1890 a conquista da jornada de 8 horas se concretizou nos Estados Unidos.

E no Brasil, como surgiu o feriado?

No Brasil, o 1º de maio começou a ganhar relevância ainda no final do século XIX, com o crescimento das indústrias nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. A data passou a ser celebrada oficialmente em 1924, por decreto do então presidente Arthur Bernardes.

Com o fortalecimento dos movimentos operários e o avanço das ideologias trabalhistas, o Dia do Trabalhador ganhou ainda mais destaque no governo de Getúlio Vargas. Durante o Estado Novo, o governo utilizava a data para promover ações e eventos voltados aos trabalhadores, fortalecendo sua imagem política.

Foi também nesse período que surgiram marcos importantes da legislação trabalhista, como a criação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), que definiu direitos como o salário mínimo e a jornada de trabalho regulamentada.

Francisca Harden

No coração da segurança pública, uma mãe que inspira e protege dentro e fora de casa

Neste 1º de maio, a história da policial civil Francisca Harden nos lembra que o trabalho não é apenas profissão: é vocação, é entrega e, muitas vezes, é amor. Há 13 anos na Polícia Civil do Rio Grande do Sul, Francisca é mãe de duas meninas e atua na Delegacia de Pronto Atendimento (DPPA), em plantões que exigem disciplina, coragem e resiliência. Tudo isso, sem deixar de lado o papel de esposa, mãe e mulher.

Motivada desde criança pelo desejo de proteger e servir, ela conta que sempre teve a polícia como sinônimo de proteção. "Sempre estudei para concursos públicos. Ser policial exige coragem, disciplina, e isso sempre me encantou. Desde pequena, eu sabia que era isso que queria", afirma.

Hoje, além do trabalho intenso nos plantões de 12 horas, Francisca também atua, voluntariamente, como multiplicadora do programa Papo de Responsa, que leva conscientização e prevenção para jovens em escolas públicas e particulares, abordando temas como violência, bullying e uso de drogas. "É um trabalho que faço nas minhas folgas. A gente tenta dialogar, abrir caminho para que esses jovens construam um futuro diferente."

Como mulher na segurança pública, ela reconhece os desafios: "O machismo ainda existe, mas eu me sinto forte. Sei do meu valor e da minha capacidade. Sempre tento estar um passo à frente, me manter preparada e confiante".

A maternidade transformou sua forma de viver e trabalhar. "Depois que me tornei mãe, fiquei ainda mais cuidadosa. Sei que tenho que voltar para casa, tem alguém que depende de mim. E no atendimento, a empatia com outras mães aumentou. "

Francisca também carrega no peito um orgulho que vai além do distintivo: o reconhecimento das filhas. "Uma das minhas maiores alegrias é ver minha filha se desenhando como policial na escolinha. Isso mostra que ela se orgulha de mim, e me inspira a ser melhor todos os dias."

Francisca Harden

No Dia do Trabalhador, ela faz questão de lembrar suas raízes. "Sempre lembro dos meus pais. Meu pai, mesmo aposentado, ainda trabalha mais de 8 horas por dia. É um exemplo pra mim. Ser trabalhador representa conquista, representa luta."

E finaliza com uma lembrança importante: **"Muita gente pensa que polícia é só prender. ""Mas a maioria das pessoas com quem lidamos são trabalhadores."** E eu estou aqui para ajudar, para proteger, para fazer a diferença com dedicação e empatia."

"Trabalho é o que me ajuda": aos 72 anos, João Alves segue firme como cuidador de carros no Centro

Mesmo diante das dificuldades, ele não perde a esperança de conquistar seu maior sonho: uma casa própria.

Entre as buzinas apressadas e os passos indiferentes das pessoas que cruzam a Rua Duque de Caxias, em meio à pressa de quem mal olha para o lado, está João Alves, 72 anos, com um olhar tranquilo e um crachá no peito. Há quase 20 anos, ele cuida dos carros que passam por ali e da sua dignidade.

"Comecei a cuidar de carro por necessidade", diz, sem rodeios. João entrou nessa vida quando a esposa ficou doente e o neto, ainda pequeno, precisava de fraldas. "Hoje meu neto está no quartel. Mas naquela época, eu precisava garantir o básico pra ele... e pra minha senhora", hoje, falecida.

Sem alternativas, ocupou a rua com o que pôde oferecer: zelo, educação e respeito. "O que eu ganho aqui, 90% vai pro mercado. É o que me ajuda a viver."

Todos os dias ele sai do bairro Simón Bolívar, a pé, levando sua marmita simples. Almoça em um banco da rua, sob o sol, ou sob a sombra de alguma árvore. E volta a trabalhar. Das 8h às 17h30, sem descanso. "Aqui é todo dia. Porque todo dia que a gente levanta com saúde, é dia de trabalhar." Não reclama do caminho. Lamenta, sim, a falta de respeito de alguns. "Tem gente que nem responde o bom dia. Olha por cima, como se a gente não fosse nada". Mas também se emociona ao falar dos que o ajudam com doações de roupas e cestas básicas. "Têm pessoas muito boas." Com crachá no peito que, segundo ele, poucos têm, João fala com orgulho da profissão e dos princípios que carrega: educação, respeito e responsabilidade. "Tem que saber trabalhar. Não é só pegar o dinheiro. Tem que saber respeitar."

João Alves

Apesar dos anos, João ainda sonha alto. "Meu sonho mesmo é ter minha casa. Minha, minha. Com banheiro, tudo certinho. Quero deixar uma casa pros meus filhos, pras minhas filhas, pros meus netos."

No Dia do Trabalhador, sua fala carrega um recado simples e poderoso: "Todo dia é dia de trabalho. O dia que você levantou e o Homem te deu saúde, tem que vir trabalhar."

GRUPO aplateia
Grupo A Plateia: Rua Almirante Barroso, nº 358 – Centro
(55) 3242-2939
comercialgrupoaplateia@gmail.com
@jornalaplateia
Jornal A Plateia
www.aplateia.com.br

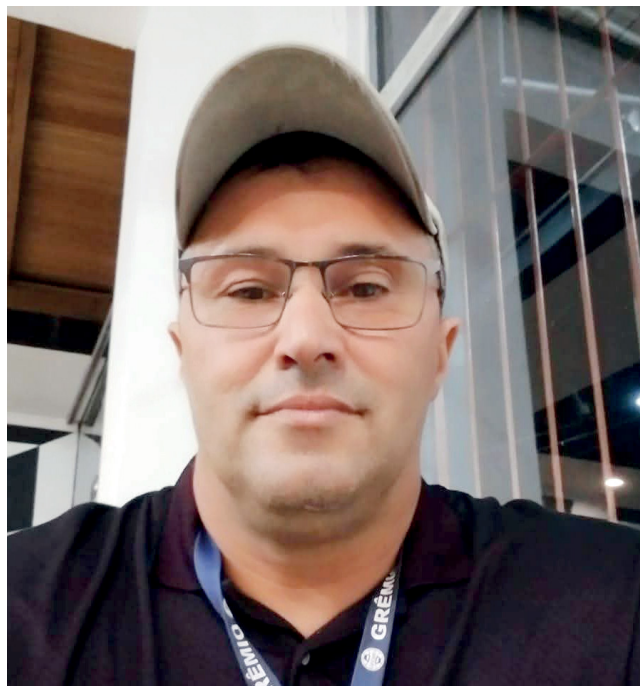
No Dia do Trabalhador, um reconhecimento a quem leva a notícia até você

José Luis Martinez Canedo há 15 anos é o elo entre o jornal e seus leitores

Neste 1º de maio, Dia do Trabalhador, o Jornal A Plateia presta homenagem a um profissional que, há mais de uma década, ajuda a manter viva a rotina da informação impressa: José Luis Martinez Canedo, entregador dedicado que há 15 anos percorre as ruas da cidade para garantir que o jornal chegue, pontualmente, à porta de cada assinante.

"Quando o jornal ainda era impresso aqui na cidade, eu começava às 4h da manhã. Agora, como vem de fora, geralmente começa às 7h", conta José, com naturalidade de quem tem a rotina no motor da moto e no coração.

A entrega de jornais começou como uma renda extra, mas rapidamente se tornou mais que isso. "Sempre gostei de trabalhar com entregas, de levar produtos até as pessoas. Além da renda complementar, foi uma forma de conhecer gente, conversar sobre as notícias e criar laços", explica.



José Canedo

E foi nesse contato direto com os leitores que José também cultivou um novo hábito: o da leitura. "Aprendi com os próprios leitores a gostar de ler. Muitos deles são pessoas mais vividas, com muito a nos ensinar, e têm um amor verdadeiro pela notícia e pelo prazer da leitura. Isso sempre me marcou."

Entre manhãs frias, calor de verão, e centenas de quilômetros percorridos de moto, José Luis representa tantos outros trabalhadores que fazem o cotidiano de todos nós acontecer.

Neste 1º de maio, celebramos o trabalho, mas principalmente, celebramos o trabalhador, como José que faz da sua rotina um serviço de valor e humanidade.

"Quem ama o que faz, transforma a vida"

A história de Margarida Rodrigues na Santa Casa de Misericórdia

Neste 1º de maio, Dia do Trabalhador, homenageamos todos os profissionais que fazem da Santa Casa de Misericórdia um espaço de cuidado, acolhimento e humanidade. Entre eles, está Margarida Rodrigues, que há 27 anos dedica sua vida ao hospital — e que representa, com sua trajetória, a força e o compromisso de tantos outros trabalhadores da saúde.

Margarida começou sua caminhada na Santa Casa em 1998, atuando na equipe de higiene. Depois passou pela hotelaria como camareira e, hoje, está na portaria, onde recebe diariamente pacientes, familiares e visitantes. "Tem que ter paciência, tranquilidade e saber o que tá fazendo. Muita gente chega alterada, por estar passando por problemas de saúde ou familiares. Às vezes, só precisam de uma orientação, de alguém que mostre o caminho", conta ela.

Ela fala com carinho e orgulho do seu trabalho, reconhecendo os desafios que a área da saúde impõe. "O hospital é muito diferente de qualquer outro setor. Tem quartos contaminados, protocolos específicos... A gente precisa estar sempre atenta", diz Margarida. "Na portaria, o controle é constante. É um lugar que exige muita atenção."

Durante a pandemia, Margarida viveu momentos marcantes. "Foi um grande desafio. Tivemos que usar máscara, álcool, roupas específicas... Era tudo novo, tudo incerto. Mas a gente enfrentou", lembra.

Neste Dia do Trabalhador, ela faz questão de deixar sua homenagem: "Quero cumprimentar todos os trabalhadores da Santa Casa. Passamos por muitas batalhas, especialmente na pandemia, e superamos. Aqui tem muitas mulheres guerreiras, que enfrentaram e continuam enfrentando muita coisa. Hoje a mulher tá ganhando muito espaço, e isso é muito bom."

Apesar das mudanças e desafios ao longo dos anos, Margarida garante que trabalhar no hospital é uma escolha de coração: "Têm colegas que saem e acabam voltando para a Santa Casa porque gostam. Tu tem que gostar do que faz, porque aí tu faz bem feito. Eu gosto de trabalhar aqui."

Neste 1º de maio, celebramos Margarida Rodrigues e todos os trabalhadores que, com empenho e amor, fazem da Santa Casa um lugar de vida.

Margarida Rodrigues

Gildo Paz Bálsamo

O mestre do pastel que conquistou Sant'Ana do Livramento

Por entre o aroma quente do café quentinho e o som crocante de um pastel recém-frito, mora a história de Gildo Paz Bálsamo. Um homem simples, mas dono de um talento artesanal que cativa paladares e corações há mais de duas décadas nas ruas de Sant'Ana do Livramento.

Gildo é conhecido por quem passa pelas ruas do centro e, principalmente, pelos estudantes e servidores da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), onde monta, todos os dias, sua estrutura improvisada para vender os famosos pastéis com recheios generosos, massa artesanal e um sabor que muitos dizem ser "único".

"Tem que gostar de estar na rua"

A vida de Gildo nunca foi fácil, o empreendedor já trabalhou na construção civil, mas foi no mundo dos lanches que encontrou seu verdadeiro caminho. "Comecei por escolha, sempre gostei de massas. Tem que gostar de ser vendedor, de sair na rua. Eu vejo que tenho a venda como algo natural", conta ele, com um sorriso calmo.

A rotina é puxada. O dia começa às 6h da manhã e só termina por volta das 19h. Tudo é feito em casa, com a ajuda do filho. Da massa aos recheios, cada pastel é fruto de um processo manual, artesanal. "Corremos contra o tempo. Os horários de comer são sagrados, mas aqui na fronteira é diferente. As pessoas comem a qualquer hora", explica.

Desafios de quem vive do lado de fora

Trabalhar nas ruas é estar sempre à mercê do tempo — sol de 40º no verão, frio intenso no inverno, sem falar na chuva. "Mas na rua a gente não espera, a gente vai atrás. Tem dias difíceis e dias bons, como tudo na vida", afirma com sabedoria.

Apesar dos perrengues, Gildo diz que é no contato com o povo que ele encontra força. "O que me felicita é quando as pessoas compram o pastel e gostam, principalmente aquelas que voltam depois de anos e dizem: 'eu comi esse pastel quando ia pra escola'".

Sobre seguir em frente

Gildo não se diz um herói. "Acredito que todo mundo já pensou em desistir. Eu mesmo, várias vezes, mas tudo passa. Levantei e segui firme", diz com uma tranquilidade que só o tempo dá. Para ele, mais que vender pastéis, sua missão é construir dignidade, tanto a sua quanto a de quem está ao seu lado.

Gildo Paz Bálsamo

"Que todos tenham o direito de voltar pra casa com dignidade"

No Dia do Trabalhador, Gildo reflete sobre o valor do trabalho. "Significa dignidade e honra. Eu gostaria que todas as pessoas possam levar o sustento para casa, dar o básico para suas famílias. Não precisamos deixar uma grande herança, mas sim o maior valor: um bom nome, uma vida honesta, alguém que trabalhou e tocou a vida com dignidade."

E assim, entre cafés quentinhos e pastéis dourados, seu Gildo segue firme — como um símbolo da força que move o Brasil todos os dias: o trabalhador.

Reflexões de uma professora no Dia do Trabalhador

Conheça a história de Ana Celina Machado

Iniciei minha carreira profissional no ano 2000. Trabalhei por dois anos com contrato na rede municipal e, no dia 17 de abril de 2002, fui nomeada na rede estadual há exatos 23 anos. Sou filha de professora aposentada e, desde criança, acompanhava minha mãe na escola, encantada com aquele universo. Gostava de brincar de dar aula para os amigos do bairro, como se já soubesse qual seria meu caminho.

O dia 1º de maio representa uma data de luta e de celebração para todos os trabalhadores que, como eu, levantam cedo e lutam diariamente por dias melhores. É essencial valorizarmos o trabalhador assalariado, aquele que constrói sua vida com esforço e dignidade.

No entanto, o professor tem sido, cada vez mais, desvalorizado pelos governos e pela sociedade. A profissão que forma todas as outras perdeu parte de sua essência. A escassez de profissionais qualificados na área é um reflexo direto dessa realidade. Chegamos ao ponto de ter que pagar para que estudantes cumpram aquilo que deveria ser sua obrigação fundamental: estudar e construir seu próprio futuro. Isso evidencia uma grave inversão de valores em nossos tempos.

Ana Celina Machado

Muitas vezes me perguntam se eu recomendaria a profissão. Respondo, com sinceridade, que o maior desafio do professor hoje é ensinar a quem não quer aprender.

Ao longo da minha trajetória, colecionei histórias, tantas que daria para escrever um livro (risos). Tenho ex-alunos que hoje são meus colegas de profissão. Outros, pais de alunos que agora estão sob minha responsabilidade. E reencontros assim aquecem o coração.

Chego a dar 17 aulas por dia e procuro manter, em todos os turnos, o mesmo entusiasmo e amor. Para muitos dos meus alunos, o único gesto de carinho do dia é o meu abraço e isso tem um valor imensurável para mim. Sempre digo que a aula que quero para os meus filhos é a mesma que procuro oferecer aos meus alunos.

Acredito que o maior ato de rebeldia, nos dias de hoje, é cumprir com o nosso papel na sociedade. E, no meu caso, é marcar positivamente a vida das crianças e adolescentes que passam, todos os dias, pelas minhas mãos.

Netinha, a diarista que carrega alegria, garra e esperança por onde passa

Conheça a história de Ornete Flauzina da Silva

No Dia do Trabalhador, celebramos as histórias de quem constrói o país com coragem, dignidade e sorriso no rosto. Ornete Flauzina da Silva, conhecida por todos como Netinha, tem 61 anos e uma dessas histórias que inspiram. Diarista, ela é daquelas pessoas que iluminam os lugares por onde passam. Com bom humor, fé e uma visão de mundo que só quem viveu muito pode ter.

Natural de Frutal, no interior de Minas Gerais, Netinha começou a trabalhar ainda criança, aos 6 anos. "Ou trabalhava ou morria de fome", lembra. "Ou trabalhava ou estudava." Eram dez irmãos, e a mãe os levava para trabalhar na roça. A escola, infelizmente, ficou para trás. "Não aprendi a ler até hoje", conta, sem perder o brilho no olhar.

Já trabalhou em empresas de limpeza e, ao longo da vida, morou em diferentes cidades. Chegou a Sant'Ana do Livramento graças a uma patroa, cujo marido foi transferido como diplomata para Rivera. E aqui ficou, espalhando afeto e sabedoria com cada casa que ajuda a cuidar.

Apesar das dificuldades como: fome, frio, racismo e até noites dormidas na rua, Netinha prefere guardar as boas lembranças. "Em uma casa onde trabalhei, a família me esperou para sentar à mesa. Só começaram a comer quando eu sentei também", conta, com carinho. "Tenho patrões que considero amigos. Tenho um carinho muito grande por eles."

Para ela, as empregadas domésticas merecem mais reconhecimento e respeito. Seu sonho? "Ser juíza. Queria garantir direitos iguais para todos." Mesmo sem toga, Netinha carrega uma sabedoria profunda: "O mundo precisa de pessoas boas, de palavras boas. Vamos seguir o exemplo dos ensinamentos do Papa."

E como boa mineira de coração forte e alma leve, ela deixa uma mensagem neste 1º de maio: "Vamos pensar positivo e não chorar pelo leite derramado. Vamos amar, viver a vida, dar valor, estender a mão."

Valorizar o trabalhador é reconhecer a dignidade do esforço diário

Casa da Amizade – Boutique Pipoca Bum

Perante excelente público, a Casa da Amizade promoveu mais um evento beneficente para apoiar a Conferência São Vicente de Paulo.

Rafaela Simões de Souza apresentou a coleção Outono/Inverno, com lindas performances de crianças-manequins, de sua boutique Pipoca Bum sob calorosos aplausos.

Um gracioso grupo de crianças, da Escola de Ballet Gabriela Oviedo da cidade de Rivera, encantou a todos os presentes.

Como sempre, os serviços do Chef La Posta foram impecáveis.

Na ocasião, a presidente da Casa da Amizade, Zara Brandão, usou da palavra para agradecer a todos que apoiam sua entidade e, com isso, resulta seu sucesso. Confira os registros do fotógrafo, João Kelbauskas.

Senhoras da Casa da Amizade

Escola de Ballet Gabriela Oviedo

Moda Pipoca Bum

Nubem e Núbia Har liderando mesa da Conferência

Sorteio de brindes

Rafaela e seus manequins

Grupo de senhoras que prestigiaram o evento

Entrega de mimo à Rafaela

ASPOCI realiza almoço em comemoração ao Dia do Policial e empossa nova diretoria

No dia 21 de abril, a Associação Santanense de Policiais Civis (ASPOCI) realizou um almoço em comemoração ao Dia do Policial, que contou com a presença de convidados especiais, os quais desfrutaram de um delicioso churrasco.

Durante o evento, também ocorreu a posse da nova diretoria da associação para o biênio 2025/2026. Antonio Cleber da Rosa Ferreira assumiu como presidente, tendo Marci Nilo Dias Leite como vice-presidente. A tesouraria ficou sob a responsabilidade de Charles Feippe Martins, como primeiro-tesoureiro, e Walter Cleni Ambrósio Moreira, como segundo-tesoureiro. Maria Francisca Ilha Hardem Neves assumiu como diretora administrativa, enquanto Etevaldo Dias Rodrigues ficou com a diretoria de patrimônio. Claudio Omir Corrales Cunha foi nomeado diretor de esportes, e Leda Marisa dos Santos assumiu como diretora social.

Policiais ativos e inativos

NOCCHI

OFERTAS DA SEMANA

3242.4949
Av. João Goulart, nº 433
@nocchi.materiais.construcao
setimonocchi

VONDER Furadeira Elétrica C/ Impacto Fiv852 1/2 -220V

R$ 650,00 à vista

VONDER Lavadora de Alta Pressão 1200 WT

R$ 480,00 à vista

VONDER Esmerilhadeira 4.1/2 - 650W

R$ 350,00 à vista

VONDER Máscara De Escurecimento Automático

R$ 175,00 à vista

Fogão a Lenha N2

R$ 1.750,00 à vista

Calefator Confort Pinhal

R$ 2.790,00 à vista

Fogão a Lenha Prime Box N2

R$ 4.250,00 à vista

Cimento Cola Ac3 20kg Tilecol

R$ 30,00 à vista

Manta Líquida Fotossensível Com Fibras 6 Quartzolit

R$ 399,00 à vista

Imagens meramente ilustrativa

Aniversariantes da semana

O Jornal A Plateia homenageia os aniversariantes da semana. Que todos os dias de suas vidas sejam preenchidos com muita paz, amor, boas amizades e infinitas bênçãos. Parabéns!

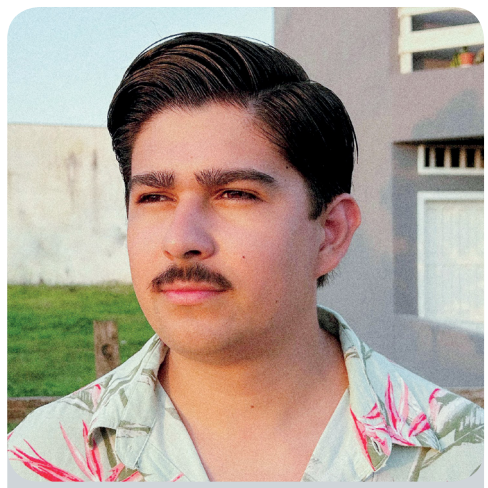
1 de maio - Cerimonialista Luciana dos Santos

26 de abril - Eduardo Marquesan

27 de abril - Técnica em Enfermagem Ana Julice Nunes Santana Allende

27 de abril - Educadora física e empresária Ruth Andrea Diaz

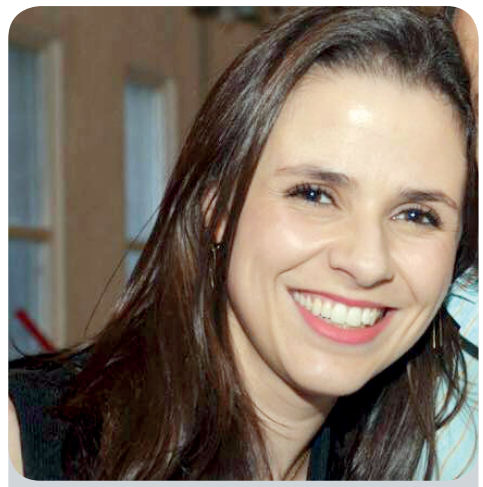
27 de abril - Deputado Federal Sérgio Moraes



28 de abril - Social Mídia do Jornal A Plateia Lorenzo Ilarraz

28 de abril - Professora Izadora Pinheiro

28 de abril - Vice Presidente e Comunicador na empresa Rede Pampa e O Sul Paulo Sergio Pinto



29 de abril - Dra. Renata Rostirola Guedes

29 de abril - Médico Tiago Lopes

30 de abril - Corretora de Imóveis Roberta Fagundes

30 de abril - Produtor rural Enio Ribeiro

Nosso querido Piriraia completa 100 anos. Abrilino Machado Martins, carinhosamente conhecido como Piriraia, é um homem de raízes fortes, churrasqueiro de mão cheia e mestre em transmitir valores. Pai, sogro, avô e bisavô amado. Parabéns por esta jornada centenária. São os votos dos familiares e de seus inúmeros amigos.